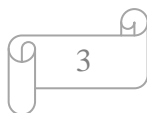
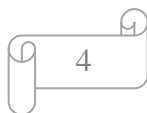


Espaço das folhas



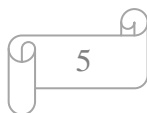
© *copyright*
Todos os direitos reservados

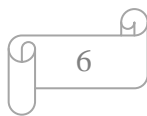


Autor

Jorge Luiz de Moraes

Minas Gerais

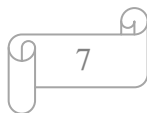


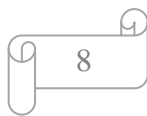


Introdução

Folha é apenas uma folha, uma branca cor cheia de paz voltada para um querer, um querer de negritos, de cores outras, de alegres letras, quem sabe de poesias, textos e pensamentos.

Não sendo a folha uma bolha, ela não estoura. Horas a amassamos sim, mas é ela a vida e a razão do preenchimento de tudo o que escrevemos sobre o mundo.





Discussão das palavras

Em torno da mesa sem pés suspensa no ar, levitam presságios antigos esquecidos de lugares que nem mesmo existem mais entre as histórias e os argumentos da vida em nossa memória.

Como a morte do pão que gera a miséria, do leite sem água que puro era e de fazenda, das ribeiras cansativas que temos que subir, (pois para descer é que todo santo ajuda como diz sabiamente o povo). Da mulher, esta nua e crua realidade de amor na vida de nós homens.

Da lua que em certas épocas parecendo se vestir de cetim, seda, mostrando suas claras paixões pelo sol gerando assim um eclipse ficando frente a ele nos cobrindo de medo supersticioso, do cabelo cortado que muda a nossa aparência.

Da chama transformando em cinza um galho quebrado que de graveto serviu para um fogão a lenha e de muitas e outras palavras que nem mesmo se encontram mais em nossa memória por terem viradas fatores de esquecimento.

E já não é mais lindo este lugar que além de belo e raro como era. Fazia também ele parte do nosso íntegro convívio e de nosso estimado coração, ninguém conhece ali mais ninguém, já não é mais linda a temporada, já não é mais tarde e nem mesmo a noite chega como antiga-

mente de tão esperada e toda cheia de estrelas e luar com serestas até ao amanhecer.

Já foi embora o passado e o futuro não quer ainda começar, entalou-se no mundo como uma vaca no brejo deixando-nos sem nada o que poder fazer se não esperar seja o que for; o que nos arranque desta pobre e desprezível situação que nos rodeia a vida.

E se não entendemos nossas palavras como se fossem elas vãs diante de nós mesmos como se não fossemos nós próprios atrás de soluções de problemas criados por nós mesmos.

Estamos então, rompendo nossa identidade no mundo por nos faltar amor e calor humano em relação ao respeito com e pela vida.

E assim o inverno apodera-se de todos nós deixando-nos frios, egoístas, cercando-nos de hipocrisias que não deveriam existir em ninguém, não indo mais longe, até mesmo com nossas palavras.

Pois somos hoje hipócritas com o que extraímos de nossas línguas ferindo a nós mesmos como um canto de verde pequeno sem flores, outro sem mato coberto de concreto com carros envenenados no asfalto maltratando o nosso ar na sombra fresca e calma do nosso sol.

Também um gato, um cão, uma formiga, animais em si nos olham com um gosto de morte com a vida da água molhada em lágrimas no mundo, poluída nos rios e agora também, no salgado do mar.

A terra suspira, dá hoje outra volta, enche-se de esperanças e amanhã acorda mais uma vez castigada e cheia

de lixo graças ao dinheiro do pobre, do rico, do milionário e a tudo corrói diante de qualquer situação e discussão, pois o dinheiro sempre fala mais alto e a tudo aprendeu a destruir.

Mas a esperança não morre, ela vencerá e mudará este mundo valorizando o dinheiro para o que ele foi desenvolvido na sociedade e não para quem sabe, destruir a beleza do mundo e nele nossas vidas.

Pois o dinheiro é a razão do abandono de tudo o que em família esperávamos realizar em nossas vidas para juntos e em perfeita harmonia, agradecermos com eternas graças o nosso chão sagrado de viver e de pisar com decência e orgulho em ser ele realmente nosso e não de asneiras perturbadoras às nossas vidas. Como por exemplo, a mudança de chão em vários sentidos desta nossa vida.

A floresta

No chão com maldades colocaram sua vida, ninguém a sua dor pode sentir se não a própria terra que em certas áreas, quase já não se vê mais verde, mas outra cor que não nos vale os olhos verem, a da destruição.

A lei do rei de copas

“É a lei”. É a lei e assim disse pedindo um rei. Traga-me a mulher mais linda deste mundo não importando de onde ela seja, deste mundo ou dos confins, mas que seja mesmo a mais linda.

A mais formosa entre as mulheres, a mais bela, a mais educada, a mais querida pelos povos deste mundo, a mais inteligente para que ela se torne rainha amada no seio do mundo igualmente à pátria em que nasci. É a lei e assim é o reinado de um rei de copas.

Negócio fechado

Neve branca, branca de neve, leite branco, branco é o leite, papel com linhas, linhas de papel, o homem não tem mais palavras, preciso é, colocá-las no papel.

A lua, o pato e a felicidade proibida

O passo e o compasso, o lago e o riacho. João a esquina dobrou e Maria na quina acertou. O pato olhando para cima com seu olhar estelar recolheu-se logo para dormir entendendo que a noite para ele havia chegado.

A lua com um reflexo de cor prateada tornou-se logo em seguida cheia de um momento para o outro como nunca já se viu assustando e chamando a atenção de todos os que olhavam para cima.

O rio secou em seguida ao clarão deste luar e nada podia dele mais se ver se não, todo ele envolto de nuvens negras por todo o céu, o mar enfureceu-se e a tempestade em seguida começou e a tudo levou deixando tristezas neste chão que agora chora o que perdeu.

O galo quebrou o pé, a galinha o bico de tanto bater no chão duro, o mundo soltou-se por ali da gravidade e o fogo na água suja se apagou escondendo o seu calor admirável em pleno inverno levando embora Madalena deixando no chão os rastros dela esquecidos como roupas no varal. Como vida de gado e de cadela que levava sua vida pendurada em espinhos que a torturavam entre a lua e uma vida entalada como patos vivos na garganta.

Sem rumo e triste era ela em teu sumo por ser proibida de viver a própria vida traçada com destino de ser feliz.

Adeus à Madalena, adeus ao pato, ao riacho, ao compasso, adeus ao galo, adeus à galinha de bico quebrado,

adeus ao fogo que apagou; adeus às tristezas de Madalena, agora com Deus, ela pode ser feliz.

Sonho de bobo

Caiu da cama acordando em seguida com seu corpo no chão, foi um pesadelo?(pensou ele). Ou foi mesmo a hora de acordar para deixar de ser bobo este bobo enorme?

Pois sonhou que sonhou com riquezas que nunca pôde ou poderia alcançar e agora caindo da cama, quem sabe, deixa de sonhar com coisas bobas que não pode mesmo ter a ponto de nem da cama deixar de cair. Será que o bobo agora acorda? Ou será que mais uma vez da cama cai?

A poesia não pode falar

Somos filhos da uva, talvez do vinho, ou melhor, do pão e quem sabe melhor e muito mais ainda, de Nosso Senhor Jesus Cristo o Pai celestial da criação.

Do mundo, de uma pátria qualquer, da flor que não se cheira mais, do orvalho que da árvore caiu, de Madalena que prostituiu, do ventre que nos abortou, da vida que só sabe morrer ao invés de viver, do lado esquerdo que não sabe o que é direito e muito menos o que tem e carrega do lado esquerdo do peito.

Da lata furada que não se pode nela beber mais água, do amor que não se pode encontrar por ter sofrido desvios no mundo em seu próprio destino de amar, do navio que afundou antes de ser posto no mar, da alegria que não sabe sorrir.

Sim, nós somos filhos de tudo; menos pai, pois pela falta de respeito perdemos o respeito pela nossa paternidade gerando na vida, a independência aflita de filhos órfãos no mundo e com a vida assim caminhamos sem a verdadeira fé em Deus, o nosso criador e também, o pai de todos nós.

A proibição da vida

Ela é uma fruta que não se pode comer, um amor que não se pode alcançar; palavras sábias de poetas que não se pode ouvir e encontram-se todas essas coisas em algum lugar do infinito ou quem sabe, em outro país.

Como e igualmente a certas pessoas que sonham em serem os galhos de certas e lindas árvores para o mundo abraçar com suas formosuras e belezas cheias de folhas e flores, ou o amor perfeito de alguém que se preza e muito neste mundo.

A fala do poeta é também quase e sempre assim, uma porta entreaberta, mas está além, além mar, além do que pensamos; além do infinito e ninguém pode isso alcançar, pois não podemos mais imaginar por ter sido proibida no mundo, a vida enviada para a vida.

A rua

O trem não anda na rua e trilho é o seu destino de rodar, nosso destino anda pelo mundo, não têm estações iguais a trens e quando para, é em um ponto esperando outro chegar para continuarmos seguindo em frente.

Se pararmos um pouco para pensar, as ruas, essas não são o nosso destino, alguém traçou todas estas estradas existentes no mundo e ali nós somos obrigados a passar para mostrar ao mundo, quem sabe? Quem somos! E se a liberdade da humanidade amanhã chegar, estejam certos de que estas estradas, ela irá contornar.